

38º Encontro Anual da Anpocs

SPG09: Literatura e sociedade

Hospício escritural: a literatura de Maura Lopes Cançado

Felippe Cardozo Ciacco

*“A gente da aldeia que o expulsava ou que tinha medo dele, parecia-lhe menos perigosa, pois no fundo apenas o obrigava a não contar senão consigo mesmo, e ajudava-o assim a manter recolhidas suas forças; em troca, tais auxiliares aparentes, que em lugar de levá-lo ao castelo o conduziam, graças a uma pequena mistificação, à casa de sua família, queira ou não, o desviavam e trabalhavam na destruição de suas forças.”
(Franz Kafka, O castelo)*

Hospício é Deus, a despeito do enigmático prefácio de Reynaldo Jardim (“Mais que um prefácio, isso é uma advertência: esse é um livro perigoso” CANÇADO, 1979 p. 9-10), começa sem preâmbulos (assim como este ensaio), lançando-se infância adentro em um recordar bastante particular. Narrativa em certa medida misteriosa, não anunciada, contradita até mesmo pelas palavras de ordem de um subtítulo (Diário I) igualmente misterioso (existiria então, pelo menos, um segundo diário?). Não é pelo diário que Maura começa, mas por uma memória que começa a se fazer, a ser tecida em um plano ainda não marcado, não localizado por nenhum grande letrero meta textual como estes com que se costuma nomear um capítulo ou este lugar ainda mais dotado de poderes metalinguísticos que é a 'Introdução'. No entanto, esse fragmento de texto que se encontra antes do início do diário é de todo sugestivo, carregado de uma série de vetores que apontam para todas as direções e não deixam de produzir efeitos que se estendem para além do seu domínio, para lugares ulteriores no texto. Nada mais justo, portanto, que começar pelo começo e descrever seus procedimentos e operações.

“Nasci numa bela fazenda no interior de Minas, onde meu pai era respeitado e temido [...]” (*Ibid.* p.12). É com algo assim que costumam começar as narrativas autobiográficas. Um nascimento, um lugar, uma família. Assim começa, em todo caso, a organização da vida como história, de onde já se espera e supõe a constituição de uma unidade ao mesmo tempo lógica e cronológica (BOURDIEU, 1996), de sentido e de tempo. É a narrativa que informa o sentido da experiência, que dá forma ao real, já se sabe (potencial

poético ou ilusão biográfica, dependendo da inclinação). No entanto, esse texto que antecede o diário, ainda que possua certa cronologia, não se forma em função do tempo, não se organiza através do desvelamento progressivo do sentido de uma experiência (de uma vida), mas por uma lógica outra, espacial e investigativo-problemática. É que Maura não procede pela organização dos cacos da memória na unidade de uma história (historiografia de si), mas pela distribuição geográfica dos elementos mnemônicos: ela traça linhas que delimitam zonas, regiões, lugares e territórios. Trata-se de realizar a escrita da própria história como cartografia que se faz, desde o início, em função da problemática do hospício. A memória não está dada de antemão, é preciso fazê-la operar, inscrevê-la em mecanismos precisos, neste caso, em uma cartografia que se liga imediatamente à questão de um início, de um lugar inaugural. Assim, o início pelo nascimento, pela infância, passando pelo papai-mamãe convencional à autobiografia não é o início que ela procura. Pois mesmo esse início efetuado pelo nascimento não é uma marca no tempo, mas no espaço, conduz a uma das regiões por ela traçada, que funciona como índice e vetor para uma série de histórias. Maura começa com a irmã Didi e logo passa ao pai, à mãe, ao surgimento de Deus, ao sexo, ao colégio de freiras, à aviação, ao casamento, etc. Todos índices de espacialidades pelas quais a memória se torna pensável em função da problemática posta: a origem da loucura, seu traço inicial, o espaço de seu surgimento. Menos uma historiografia de si que o traçado de uma cartografia. As regiões são dispostas, estendidas, para depois serem examinadas, interrogadas (“Tudo terá começado aí?” (CANÇADO, 1979 p.15)). É um movimento de repisar que se orienta nesse sentido.

Cartografia que se orienta em direção a um passado, a territórios já há muito desfeitos, mas que já pareciam poder anunciar uma passagem:

Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas. Encaravam-me como a uma menina caprichosa, mas a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar. (Ibid p.17)

A princípio, pode-se pensar em confluência com o modo como se

costuma conceituar a escrita autobiográfica e confirmar toda a sorte de metanarrativas em que é inscrita. Em Arfuch, a fragmentariedade pós-moderna da experiência do eu, que atenta para o descentramento do sujeito operado pela psicanálise lacaniana e pela alteridade da linguagem concebida através de Bakhtin. Movimento que vai do caos da experiência ao ordenamento da narrativa, que tem como controle a presença sempre refeita de uma alteridade (alteridade da linguagem, alteridade do interlocutor, mas sobretudo estranhamento do autor em relação à própria experiência) que sugere o caráter dialógico e ao mesmo tempo ético, de (busca de uma) partilha de valores, das escritas biográficas e autobiográficas¹:

[...] a concepção bakhtiniana do sujeito habitada pela alteridade da linguagem, compatível com a psicanálise, habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da falta, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que encontra, segundo minha hipótese, no valor biográfico - outro dos conceitos bakhtinianos - enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à (própria) vida, uma ancoragem sempre renovada.[...] o espaço biográfico, tal como o concebemos, não somente alimentará "o mito do eu" como exaltação narcisista ou voyeurismo - tonalidades presentes em muitas de suas formas -, mas operará, prioritariamente, como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social. (ARFUCH, 2010 p.29-32)

Mesmo Bourdieu, em *A ilusão biográfica*, não deixa de inscrever suas reflexões em paisagens semelhantes. Segundo o autor, na mesma medida em que o romance moderno (ou a desconstrução do romance moderno) de Faulkner e Proust é capaz de revelar o caráter descontínuo da experiência 'real', os gêneros biográficos mascaram essa descontinuidade, produzindo uma ilusão de unidade e sentido da experiência, ligada a modos oficialísticos de apresentação da vida como história:

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, curriculum

1 Ao contrário de Lejeune (2008), para quem a autobiografia não consiste em uma espécie de subgênero da biografia, possuindo modos próprios de configuração enquanto gênero e implicando em um relacionamento distinto entre autor e leitor, Arfuch procura circunscrever um “espaço biográfico”, em que se incluem biografias, autobiografias, assim como pesquisas etnográficas e sociológicas focadas na história de vida.

vitae, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial [...] (BOURDIEU, 1996 p.188)

De um lado a experiência em caos, de outro a narrativa ordenada e coerente produzindo a unidade de uma experiência. É como se coloca o problema da escrita autobiográfica. De um lado o real, de outro o pensamento que o investe (e ainda a linguagem que in-forma esse pensamento). Assim, enquanto Arfuch chama a atenção para uma ética e um valor biográfico que possuiriam grande importância enquanto mecanismos contemporâneos de subjetivação, situando a autobiografia no registro de uma poética de si que se faz através da mediação do outro, Bourdieu contesta a falsificação produzida por uma ordem narrativa que tem como suporte uma certa “filosofia da identidade”.

Contudo, pode ser que em certas escritas as coisas se deem de outro modo. No livro de Maura, o que se passa, em primeiro lugar, não é o trabalho de ordenamento de um conjunto caótico de memórias, acontecimentos, histórias, personagens, etc., mas a elaboração de um mecanismo que permite desencadear a escrita da (própria) vida (um mecanismo que faz emergir a vida como escritura). Para isso, é preciso investir a ordem narrativa de todo o tipo de descaracterizações, disjunções e desajustes, pois o texto autobiográfico já está de saída marcado por forças poderosas, por virtualidades que o rondam como fantasmas. Não há página em branco e o problema inicial não é o caos da experiência, mas a virtualidade de uma ordem biográfica, o fantasma da filosofia da identidade evocada por Bourdieu, que faz com que já se saiba, desde o início, em que deve consistir uma vida, isto é, em uma história, no ajuste do lógico e do cronológico, do tempo e da significação. Assim, o problema de um texto como *Hospício é Deus* é, em primeiro lugar, conjurar a Figura virtual que institui os limites e os meios da escrita de si, seus procedimentos e seu sentido (o próprio movimento do sentido), de outro modo, como seria possível escrever

a própria vida ocupando a posição limítrofe de autora-internada²? Por isso é preciso grande esforço e astúcia para esbranquiçar uma página, para liberá-la de seus fantasmas. O mesmo se dá em outros registros: “De fato, será um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície branca e virgem. A superfície já está toda investida virtualmente por todo tipo de clichês com os quais é necessário romper” (Deleuze, 2007 p.6).

Ao mesmo passo cartografia e exorcismo, o traçado de um mapa daquilo que deve ser desfeito. Ela começa por pedaços, componentes que se ligam formando circuitos. Do pai se extrai uma série de índices: o poder ligado ao nome de família, ao dinheiro, à violência, por onde Maura começa a desenhar os contornos daquilo que compõe como Minas Gerais ou, em todo caso, o interior mineiro (“A família de papai, Lopes Cançado, tem grande prestígio financeiro, social e político em nosso Estado; é chata, conservadora, intransigente, como todas as “boas” famílias” (CANÇADO, 1979 p.15)). Mas também é por onde se introduz a primeira aparição de Deus no texto, através do contraste entre a força e a sensibilidade:

[...] passávamos por uma igreja protestante, papai, que não aceitava os protestantes, por negarem virgindade à Virgem Maria, falava-me assim: “– Vamos entrar um pouco para ouvir os hinos. Cantam tão bem, é tão belo. Fico feliz escutando” Entrávamos, lá dentro, tocados pelo misticismo reinante, a música, sentíamos Deus conosco. Ou era meu pai, se mostrando na sua imensa e desconhecida sensibilidade? [...] A qual Deus ele adorava? Aquele homem, vivendo a margem da civilização, aquele homem temido e forte, possuía uma dimensão desconhecida a si mesmo. (*Ibid.* p.14)

Distribuição de um circuito, mas não podemos nos apressar, os componentes ligam-se no espaço cartográfico, mas antes precisam ser inscritos em lugares próprios, a partir de seu próprio registro, da sua localidade de origem. Deus, antes de ligar-se ao pai, faz vizinhança com o sexo, surge a partir de um lugar que evoca um outro enunciador, alguém que fala sobre o sexo, que o investe de outras categorias, que começa a falar do belo e do feio, do bem e do mal e procura inscrever Deus, localizá-lo, estabelecer seu justo lugar:

2 Maura insiste no termo internada e não interna para caracterizar sua posição e a das outras pacientes no hospício.

Aos cinco anos, talvez antes, travei conhecimento com o sexo, vendo os animais da fazenda e ouvindo meninas, filhas de empregados. Ensinaram-me a encará-lo como coisa feia e proibida. Passei a me sentir constantemente em falta, por ser grande minha curiosidade sexual. “É pecado fazer coisas feias”, diziam-me. E eu sentia grande prazer nas coisas feias. Mais ou menos nessa época me impuseram deus, um ser poderoso, vingativo, de quem nada se podia ocultar. (*Ibid.* p.19)

Deus é objeto de uma pequena luta territorial. De um lado, há uma outra enunciação, coletiva, que se investe contra o sexo, fala do feio e do pecado. Mas quem fala? São as filhas dos empregados? Talvez sim, talvez não, o certo é que elas introduzem, ao lado da observação dos animais, o conhecimento sobre o sexo. As enunciações que se seguem são indeterminadas, “Ensinaram-me”, “diziam-me”, não importa quem, um outro, algum outro. É por uma exterioridade opaca que se introduz a norma, e Deus pode mesmo ser situado a partir desses elementos: o Outro absoluto, fonte de todo o juízo (“ímpiedoso e desconhecido, me espiando o dia todo” (*Ibid.* p.20)). Mas de outro lado existe todo um contra movimento, uma resistência, uma outra força que desterritorializa o Deus dos outros e o faz aparecer através de índices que o situam em outra parte:

A resistência em me preocupar com a imortalidade da alma. Por que temia ser enterrada viva, ao invés de temer algo mais sério, o Julgamento Divino? O inferno me estava reservado, tinha quase certeza, entanto meu verdadeiro medo era imaginar-me sob os sete palmos da terra, sem me mover ou respirar. Não fui além de um misticismo biológico, se posso assim dizer. [...] Apesar de sentir-me constantemente ameaçada; mesmo, um sangue diferente parecia correr-me nas veias – e os outros estavam tão distantes. O céu pareceu-me sempre absurdo e frio, santos e anjos me assustavam quase tanto quanto meus demônios. [...] Diziam-me que os maus iam para o inferno e o sexo era uma vergonha, um ato criminoso. Era sensual, e má, portanto. Então Deus se me afirmou em razão da maldade. [...] Minhas relações com Deus foram as piores possíveis – eu não me confessava odiá-lo por medo de sua cólera. Mas a verdade é que fugia-lhe como julgava possível – e jamais o amei. Deus foi o demônio de minha infância. (*Ibid.* p.19-20)

E assim não deixam de surgir novos componentes: a morte, ou o medo da morte, a ameaça-perseguição, sua dimensão infernal, etc. Eles são sempre localizados, mapeados, postos em relação a uma genealogia. Assim, o medo da morte se liga ao enterro do padrinho, mais especificamente, a um comentário da

mãe. Mas isso num nível especulativo, de inquérito, que negocia uma localização (Onde, em que parte, situar tal ou qual início?):

Era meu padrinho e me adorava. Eu o chamava Pabi. Quando morreu, mamãe ficou muito apreensiva, temendo que o houvessem enterrado vivo por não estar de tudo rígido, nem totalmente frio.

Esta dúvida de mamãe teria dado começo à minha neurose de morte? Tudo terá começado aí? (*Ibid.* p.15)

Não é o mesmo tipo de relação de origem que se estabelece na psicanálise, recheada de visíveis e invisíveis, lembranças e apagamentos, escavamentos em profundidade, mas antes uma relação que se dá em um plano de pura visibilidade (portanto de superfície), em que a memória aparece límpida. Não é que Maura formule o problema da memória (e da escrita de memórias) de maneira ingênua, que acredite possuí-las inteiramente, mais do que ser possuída por elas, que suprima a distância do tempo e suas armadilhas (deformação efetuada pelo tempo, deformação efetuada pela própria arte de narrar). É que se trata de um problema de outra natureza, de inscrição mais que de representação, de montagem e distribuição de um conjunto de elementos e não de recuperação do passado. A memória não é mais que o material com que se trabalha, como a madeira que se vai talhando, recortando, dispondo em outros formatos, empregando em novos projetos. O problemático, antes, é enclausurar a memória (assim como sua escritura) na neurose da identificação, do auto reconhecimento, com seus apelos morais e comunitários:

Voltando à noção de identidade narrativa, ela avança ainda mais um passo, na medida em que, ao permitir analisar ajustadamente o vaivém entre o tempo da narração, o tempo da vida e a (própria) experiência, postula a compatibilidade de uma lógica das ações com o traçado de um espaço moral. (ARFUCH, 1996 p.119)

Em relação à comunidade, Maura sempre foi afastada, por conta própria ou pelos outros:

Formou-se no meu ser séria resistência às pessoas e coisas conhecidas. Então inventei o brinquedo sério do FAZ DE CONTA. E me elegi rainha. (p.16) Desde menina experimentei a sensação de uma parede de vidro que me separava das pessoas. Podia vê-las, tocá-las,

mas não sentia de fato. [...] passei a sofrer com brutalidade os reflexos do condicionamento imposto a uma adolescente numa sociedade burguesa, principalmente mineira – e principalmente quando esta adolescente julga perceber além das verdades que lhe impõem, e tem, ela mesma, sua própria verdade. (CANAÇADO, 1979 p.26)

Antes de operar a identificação narrativa, que liga um indivíduo a uma época³, uma enunciação singular a uma comunidade (o louco à loucura, por exemplo), *Hospício é Deus* opera por afastamentos, deslocamentos, mesmo na relação que estabelece com a memória. É que, nos interstícios do texto, nas dobras entre a enunciação e o enunciado, prolifera uma série de rostos, todo um conjunto bem conhecido de modos de identificação, máquina identitária, produção de redundâncias (DELEUZE; GUATTARI, 2000), que Maura sabe muito bem como desfigurar. Deleuze e Guattari mostram que o rosto possui dois polos, o da subjetivação e o do significante, da interioridade do sujeito e da visibilidade imediata da identidade⁴, por isso não é de se estranhar que a incorporação da dialogia bakhtiniana por Arfuch faça a diferença se dissolver em um espaço biográfico comunitário, moral, lugar da identificação (não muito distante do que Bourdieu ataca como modo oficial da apresentação de si), porque nesse tipo de dialogia o outro é sempre um polícia, um padre ou um psicanalista.

Contudo, a relação que Maura estabelece com a memória não passa pelo inquérito? É verdade, e ainda mais, passa por todos os lugares pelos quais se demora a psicanálise mais convencional: a mãe, o pai, a infância, o sexo, a morte, o dinheiro. Será preciso, no entanto, seguir mais adiante para que possam ficar claros os desenlaces do inquérito, por ora bastando verificar seu modo de operação ligado ao tecido cartográfico, implicando em que os dois polos, a cartografia e o inquérito, se retroalimentem.

3 “Ao que parece, os gêneros canônicos (biografias, autobiografias, memórias, correspondências) jogarão um jogo duplo, ao mesmo tempo história e ficção, entendida essa última menos como “invenção” do que como obra literária, integrando-se assim, com esse estatuto, ao conjunto de uma orba de autor – no caso de escritores – e operando simultaneamente como testemunho, arquivo, documento, tanto para uma história individual quanto de época.” (ARFUCH, 1996 p.118)

4 “[...]deve-se ter o rosto de seu papel, em determinado lugar entre unidades elementares possíveis, em determinado nível em escolhas sucessivas possíveis. Nada menos pessoal que o rosto. Até mesmo o louco deve ter um certo rosto conforme o que se espera dele.” (DELEUZE; PARNET, 1998 p.31)

Toda a distribuição passando, portanto, pela infância, fixando componentes e estabelecendo circuitos que permanecem na órbita familiar, circulando entre o pai, a mãe, Pabi, as irmãs, etc. Mesmo o sexo, que estende os limites de circulação para além da casa de família não deixa de se situar em relação a essa órbita: estabelece a tensão mediada por Deus, figura no plano do escondido, da imundície, etc. e ao mesmo tempo exerce a maior das atrações. O sexo merece, na narrativa, uma dupla genealogia, poderíamos dizer, de saber e de poder. De um lado o conhecimento da existência do sexo, contemporâneo e vizinho da “imposição” de Deus, de outro, sua primeira e brutal materialização:

Na fazenda tínhamos uma loja. O rapaz, empregado da loja, sempre se recusava a nos dar balas, a mim e minhas irmãs menores. Uma tarde fui sozinha. Pedi-lhe. Disse que sim. Sentou-me no balcão e teve relação sexual comigo, nas minhas pernas. Não tive nenhuma reação, creio haver sentido prazer e nojo. [...] O sexo foi despertado em mim com brutalidade. Cheguei a ter relações sexuais com meninas de minha idade. Isto aos seis ou sete anos. (CANÇADO, 1979 p.20-21)

Mas o inquérito não prossegue por essa via, não explora as possibilidades de um trauma, não inscreve outra origem que a do próprio sexo e a narrativa rapidamente se desvia, passa a outros lugares. Característica do inquérito, o desvio rápido, a passagem a outras regiões, a multiplicação das regiões sobre a superfície cartográfica. Então, do sexo passa às crises convulsivas, ao colégio de freiras, ao casamento, etc. Mas a natureza da passagem não é lógica, tampouco cronológica, mas temática e topográfica, interrogativa e de uma genealogia centrada no espaço, como venho insistindo (“Minha intimidade com a terra. Que perigo para ser expresso em palavras? Aquela intimidade.” (*Ibid.* p.17)). Assim, nenhuma fixação, e ainda tudo gira em torno da família e do familiar, em uma narrativa que cada vez mais passa a insistir em uma série de desajustes. Na escola:

Estudei em vários colégios, em nenhum deles me senti adaptada. Fui mesmo expulsa de um aos doze anos, depois de ter sido tolerada pelas freiras durante um ano com um namoro obsessivo. Sofria de carência afetiva, era desleixada e indisciplinada. Nada estudava, ainda assim fui uma aluna brilhante. [...] Naturalmente jamais me foi possível tolerar minhas colegas, que constituíam para mim sempre rivais. [...] Passei a desempenhar papéis nas peças de fim de ano, escrevia

poesias, discursos, muitas vezes para serem lidos por alunas de classe bem mais adiantada. Ainda assim, me julgava um blefe (em casa, sim, me afirmava deveras. Papai lia para todos minhas cartas). (*Ibid.* p.21-22)

Ao mesmo tempo prodigiosa e desviante, talentosa para a escritura e apartada das pessoas (“Quanto às pessoas, pertenciam a um mundo fácil demais: era-me vedado.” (*Ibid.* p.19)), é o tipo de autodescrição em que Maura mais insiste. Parece ser a tensão que referencia o inquérito, que o faz disseminar-se por toda parte. É preciso insistir, inquérito e não confissão, pois o problema da culpabilidade não foi colocado, mas apenas o da origem e todo o tipo de desdobramentos narrativos se rebatem nessa ciência dos inícios. Mas essa tensão entre o talento e o desvio é que parece se situar como o lugar mais sólido, como uma espécie de elemento inscrito em um 'já estava lá desde o início', ao menos na voz dos outros:

Achavam-me uma criança precoce, e, acredito. Desde pequena acostumei-me a tirar minhas próprias deduções, já que não me respondiam nada claramente, em virtude de serem minhas perguntas quase sempre embaraçosas. Acredito ter sido uma criança excepcional, monstruosamente inteligente e sensível, perplexa e sozinha. (*Ibid.* p. 21)

No entanto, se é possível extrair do texto este duplo elemento como a forma inaugural da apresentação/descrição de si que faz Maura, os movimentos da narrativa não o circunscrevem nem como causa de alguma coisa por vir (a doença mental, o internamento, etc.), nem o examinam a exaustão, como elemento que poderia provocar algum tipo de catarse e indicar o sentido da experiência. Antes, aparece como uma primeira marca em um espaço cartográfico, primeira diferença e primeira referência, que permite o início da distribuição dos elementos na espacialidade mnemônica. Assim, o inquérito está sempre mais além ou mais aquém dessa apresentação da personalidade: ora lança-se nos fundos buracos dos temas psicanalíticos (primeira experiência de contato com a morte, com o sexo, com Deus, relação com o pai, com a mãe, etc.); ora parece apontar para uma sociologia do desajuste, sobretudo a partir

do aparecimento do casamento, de seu rápido término, que engatilha com mais força as narrativas sobre o interior mineiro, a configuração da família em torno da forte figura do pai, do dinheiro e do poder.

Aos quatorze anos quis ser aviadora, entrei para um aeroclube, pretendendo obter *brevet* de piloto. Não consegui *brevet*, casei-me com um aviador, jovem de dezoito anos. Papai se opôs tenazmente, todos viam naquilo uma loucura. Mas eu queria – e casei-me. [...] Casada, pensei logo em me descasar, tão imediata foi a decepção. [...] Os doze meses de vida conjugal marcaram de modo negativo, mesmo brutal, a fase mais importante da minha existência. [...] Aí começou uma fase inusitada. Passei a recuar diante da vida, sentir-me insegura, fugir das acusações que me dirigiam. Mas eu não entendia, não entendia. Ninguém havia me acusado de haver passado toda minha vida sonhando construir minha cidadela, desprezando minha família, pretendido mesmo me tornar espiã contra meu próprio país. Em ter sido vaidosa e sempre descrente das verdades que me impunham. Acusavam-me sim, de haver me casado. Justamente a realidade que me negava a reconhecer. [...] Mas casamento? – Até me descasara. O casamento porém nunca foi real. Mulheres me olhavam pensativas: “– Tão nova e já com este drama”. Que drama? Me perguntava irritada. Os homens se aproximavam violentos, certos de que eu devia ceder: “– Por que não, se já foi casada?”. Moças de “boas” famílias me evitavam. Mulheres casadas me acusavam de lhes estar tentando roubar os maridos. Os tais maridos tentavam roubar-me de mim mesma: avançavam. Eu tinha medo.” (*Ibid.* p.23-25)

Corte operado pelo término do casamento, que faz emergir um novo medo, em um registro que não diz mais respeito à morte, mas a uma outra alteridade, ligada ao olhar e ao tecido social, formando um novo registro onde se opera o juízo e a moral. Se na infância Maura opera a desterritorialização do Deus que lhe é “imposto”, não pode, no entanto, se desvencilhar da nova posição social que lhe é mais atribuída do que propriamente ocupada (“Mas casamento? – Até me descasara.”). Assim passa a ser “acusada”, enquadrada sobre uma outra superfície, passa a figurar, para os outros, uma alteridade hostil, aquela que pode roubar os maridos, mas também aquela que deve ceder a todas as investidas dos homens, e contra quem se justificam todas as violências. O juízo de Deus passa a ser o juízo dos outros. É assim que, nos entremeios da narrativa do casamento, o inquérito se intensifica, torna-se espécie de *brain storm*, e permite visualizar seus dois polos de vizinhança (assim como seus entrecruzamentos), o psicanalítico e o sociológico, ao mesmo

passo passo que indexa os modos mais familiares de explicação dos desvios:

Estarei sendo severa comigo mesma? Teria sido diferente meu modo de ser se meus pais soubessem orientar-me? Naturalmente sim, creio. Eram simples demais para lidar comigo, eu possuía imaginação acima do comum, era inteligente, ambiciosa – e nada prática. Isso os desnor-teava. Evidentemente, parece-me, já se manifestava em mim um temperamento paranóide. Uma boa orientação, entretanto, podia ter corrigido esse defeito de personalidade. Ou não? Terei atingido o que eles jamais poderiam alcançar? Estaria deslocada no meio deles? Acredito que sim, e os fatos provam. Verdade que adquiri (não sei como), liberdade total em relação a tudo e todos que me cercavam, desde a mais pequena infância. Faltavam-me meios para fugir àquele clima de asfixia. Então eu sonhava. (*Ibid.* p.24)

Intensificação do inquérito, mas que quer dizer, ao mesmo tempo, sua dispersão. A linguagem parece acelerar, aproximar regiões distantes, operar sínteses, mas apenas para devolvê-las, no mesmo instante, à distância. É a rápida exposição de um conjunto de elementos colecionados: o temperamento paranóide, a grande inteligência, a contrastante simplicidade do ambiente da infância, e evidentemente o pai e a mãe, a centralidade do familiar nessa primeira narrativa, explicitada, mais tarde, no diário: “Como sou presa à infância. Nego realidade ao que me veio depois. Até as pessoas, não são – porque não as aceito” (*Ibid.* p.37). Mas o inquérito não avança, apenas evoca direções possíveis, esses arranjos últimos que permitiriam encerrar o tecer cartográfico. Seria um lapso na criação? Seria a presença precoce de um “temperamento paranóide” que só viria a se intensificar, culminando nas internações? Seria esse contraste entre a inteligência e ambição precoces em uma “sociedade burguesa” (*Ibid.* p.26) e conservadora? E ainda prevalece a dispersão, no traçado de uma linha de fuga que esvazia o inquérito (“Então eu sonhava”), impedindo sua interrupção em desfecho final e ao mesmo tempo obrigando sua continuação indefinidamente. É que, ao menos da maneira como procuro captá-lo, o processo cartografia-inquérito não se reduz à busca da origem como conhecimento de si que permitiria lançar luz e sentido à experiência vivida, mas vai abrindo caminhos, configurando trajetórias, ao mesmo passo em que distribui os elementos. Assim o inquérito nunca é reconstituição, mas desfiguração, dis-posição de materiais sobre um plano mnemônico-escritural.

Em *Hospício é Deus* fica claro que “escrever é, de certo modo, fraturar o mundo (o livro) e refazê-lo” (BARTHES, 1994 p.79).

Mas agora chegamos a um momento em que o traçado de um caminho já se anuncia como passagem, pois até aqui não ultrapassamos o grande limiar: “É, portanto, metade do meu álbum: apresentei a moça de dezesseis anos, bonita, rica aviadora; sem futuro – mas uma grande promessa.” (CANÇADO, 1979 p.26).

Por certo o hospício pode ser situado como grande interrupção, em qualquer trajetória. Parada brusca. Lugar de isolamento, que encerra o espaço e enclausura o tempo. A escritura possui essa passagem, em vários sentidos. Transborda para fora dos muros, é verdade, mas sabe também operar a passagem que marca a sua entrada, seu enclausuramento voluntário, sua segunda retirada. As memórias da juventude, essa metade de álbum, anunciam seu final e o texto se interrompe por um espaço em branco. Seria a primeira conquista de um esbranquiçamento? A produção pela primeira vez possível de um buraco em branco no texto, de onde se pode começar a falar a própria língua, a inventar uma língua própria?

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo, possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. Diante da morte não sabia para onde voltar-me: inelutável, decisiva. Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte: cava, subterrânea, desintegração, fim. Que mais? Morrer é imundo e humilhante. O morto é náuseo, e se observado, acusa alto a falta do que o distinguia. A morte anarquiza com toda dignidade do homem. Morrer é ser exposto aos cães covardemente. Conquanto nos dois estados encontro pontos de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos a falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sós. Não sabendo situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno.

Estar internada no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria são a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. [...] É a resistência, também se luta contra a morte, quando morrer talvez seja realizar-se. Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). Então encontramos

doença, morbidez, imensa soma de deficiência que se recusa a abandonar. Transposta a barreira, completamente definidos, passam a outro estado – que prefiro chamar de Santidade. A fase digna da coisa, a conquista de se entregar. O que aparentam é a inviolabilidade do seu mundo. Como os mortos, nada fazem para voltar ao estado primitivo – e embora todos tenhamos de morrer um dia, poucos alcançam a santidade da loucura (e quem prova estar o louco sujeito à morte, se passou para uma realidade que desconhecemos). (*Ibid.* p.26-27)

Aqui já não há mais a vizinhança da psicanálise, a família desapareceu, mas não é só disso que se trata. É todo um mundo que fica para trás, ultrapassa-se um limiar, ou então não se chega a ultrapassá-lo, e aí está o perigo maior, pois é no limiar mesmo que se pode ser mais gravemente aprisionado. Não são mais as linhas que se formavam nos mapas da infância, a aviadora, a escritora, a mulher casada, separada, a filha, a mãe, ou até mesmo a louca – em certo sentido, todas figuras familiares, índices de rostidade – mas linhas muito mais agudas, incessantemente abaladas por todo o tipo de violências, um longo noviciado:

Estar no hospício não significa ser superior. O doente, ainda preso ao mundo de onde não saiu completamente, tratado com brutalidade, desrespeito, maldade mesmo, reage. Tenta agarrar-se ao mundo de onde ainda não saiu completamente. Apega-se a seus antigos valores, dos quais não se liberou tranquilo. Principalmente teme: a característica do doente mental é o medo (não o medo das guardas, dos médicos. O medo de se perder de todo antes de se encontrar). Considero um noviciado, depois do que as provas perdem a razão de ser. Quem consegue corromper Dona Alda? (Não creio que venha a me tornar louca. Sou demais pequena e covarde. Mesmo, não possuo muita paciência e o noviciado é longo.) (Ou serei noviça há muito tempo?) (*Ibid.* p.27)

São novos materiais que aparecem e se reportam a outros registros, acionam outras forças. Deslizamento da doença mental para a loucura, e desnível entre ambas, noviciado, medo, cisão dual do mundo. De um lado, todo aquele universo familiar, as máquinas identitárias, os rostos, os “antigos valores” nunca partilhados por Maura; de outro, a eternidade e a loucura, os completamente liberados, Dona Alda (“Move-se independente, há uma certa dignidade intraduzível, nem sempre alcançada, em sua presença.” (*Ibid.* p.27)) e os tantos outros que serão objeto da escrita dos contos de Maura em *Sofredor*

do ver, e no meio, nessa região límbica, os doentes mentais, investidos por procedimentos de normalização, fechados na prisão de um entre lugares que não cessa de evocar um mundo antigo, já há muito desfeito. Assim emerge o traçado de um noviciado, um longo caminho, uma esperança ao mesmo tempo ameaçadora de chegar lá:

De novo: o que me assombra na loucura é a eternidade.

Ou: a eternidade é a loucura.

Ser louco para mim é chegar lá. (*Ibid.* p.27)

Em *História da loucura na Idade Clássica*, Foucault desenha o percurso que faz a loucura passar a uma posição limítrofe no ocidente, situando o louco no lugar que outrora fora designado para o leproso. Movimento de exclusão, que pode ser pensado através dessa “geografia semi-real, semi-imaginária” (2003 p.16) capturada pela imagem da nau dos loucos: “...sua exclusão deve encerrá-lo; se ele não pode e não deve ter outra prisão que o próprio limiar, seguram-no no lugar de passagem. Ele é colocado no interior do exterior, e inversamente (*Ibid.* p.16)”. No entanto, a co-emergência da psiquiatria e da doença mental (pode-se dizer do signo doença mental), efetuam-se a partir de outro tipo de posicionamento da relação entre interior e exterior, fazendo proliferar um vasto e heterogêneo conjunto de mecanismos de normalização, do eletrochoque ao Haldol, mecanismos de captura e disrupção de qualquer exterioridade possível. Nessa outra relação o louco não deve mais figurar como o limite que pode evocar um abismo, despertar os horrores mais profundos (experiência tágica), mas como doente, objeto de um saber especializado, matéria a ser investida por esse saber, por todas as vias imagináveis, assim a psiquiatria emergente opera mais pela captura⁵ que pela exclusão. Foucault, entre outras coisas, insiste na linguagem, fala em um emudecimento, em um domínio que o saber especializado exerce no nível discursivo, que permite com que a fala de uns se

5 “...o Estado dispõe de uma violência que não passa pela guerra: ele emprega policiais e carcereiros de preferência a guerreiros, não tem armas e delas não necessita, age por captura mágica imediata, “agarra” e “liga”, impedindo qualquer combate.” (DELEUZE; GUATTARI, 2000b p.12)

torne a matéria amorfa do saber de outros, política do enunciado, que dispõe no espaço os sujeitos e os objetos. O louco é aquele que perdeu, progressivamente, o lugar da enunciação. Por essa assimetria se formam todos os personagens escriturais, da psicanálise às neurociências, os personagens etnográficos da autoridade psiquiátrica.

De Certeau também chamou a atenção para essas relações de poder que se inscrevem na base de certos saberes (a etnografia, a demonologia e a psiquiatria), em que o silêncio de uns se situa no início da voz de outros:

[...] a relação com o psiquiatra e, portanto, com a constituição da psiquiatria, representa, para o assim chamado dente mental, a condição do seu discurso, num lugar do hospital que lhe foi designado, antecipadamente, pelo médico. (2002 p.246)

Movimento de sobrecodificação, direito pleno à citação e à explicação, mas, ao mesmo passo, estranha reversão que se insinua no texto citado, contra a autoria, contra o próprio texto em que é inserido: a citação ameaça abalar todo o edifício, é risco constante: “A citação é para o discurso a ameaça e a possibilidade de um lapso (*Ibid.* p.249)”.

E é precisamente pelas bordas, por um excesso que vaza, que não cessam de emergir essas vozes outras, em lugares ocultados, em textos esquecidos, esgotados, em teatros deslo(u)cados. Lugares em que se operam inversões ou pelo menos resistências em relação ao “direito absoluto da não loucura sobre a loucura” (FOUCAULT apud LIMA, 2005 p.13). Na literatura, processo esquizo desencadeado pelo romance, como mostra Benjamin com tanta elegância: “Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável aos seus últimos limites” (1987 p.201), mas que não se reduz ao romance, se estende, prolifera, escapa por bordas estranhas como a da citação, por textos miraculosos, como o do presidente Schreber (1995), por poesias mágico-alucinatórias como as de Panero (2001), ou mesmo as Passagens de Walter Benjamin (2007), que se auto explicam como puro processo esquizo, produção de séries heterogêneas, coleta de materiais múltiplos, etc.:

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. (BENJAMIN, 2007, N 1^a, 8 p.502)

Maura opera esse deslize, opera um corte na superfície, cava um buraco no chão, faz aparecer um outro lado no espaço plano. A loucura, assim como a morte, está mais além do espaço que se pode cartografar, forma uma linha de visão que se estende pelo longo caminho do noviciado, que se avizinha com a eternidade e então deixa de se confundir com a morte (“Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte”). Não é a desintegração definitiva, mas uma outra vibração, que também não se deixa confundir com a doença, pois escapa a todas as capturas (“Quem consegue corromper Dona Alda?”). Positivização da loucura, estabelecimento de um “chegar lá”: “Onde? – pergunto vendo dona Marina. As coisas absolutas, os mundos impenetráveis. Estas mulheres, comemos juntas. Não as conheço. Acaso alguém tocou o abstrato? (CANÇADO, 1979 p.28)”.

Mudança dos interlocutores, das referencialidades, passagem a um outro lado que, ao mesmo passo que se dá como confinamento manicomial, provoca todas as aberturas, rompe com os modos anteriores do inquérito/cartografia, pois não recorre mais às regiões rostificadas, aos lugares identitários, senão pela negatividade com que inscreve a doença mental: entre-mundos, resistência, apelo desesperado aos antigos valores, medo de perder a si mesmo, série de recuos diante do noviciado, série de apelos a máquinas identitárias. Pois o problema é precisamente esse “sem lado” da luta entre os mundos, que “define” esses “verdadeiros doentes mentais”. É que, todas as definições lhes são exteriores, a doença tem sua verdade no parecer de um médico; o antigo mundo, de onde ainda “não saíram completamente” aprisiona, e assim a enunciação está interdita, sem lugar, confinada no espaço límbico

do hospício.

25-10-1959

Estou de novo aqui, e isto é ——— Por que não dizer? Dói. Será por isso que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus. (*Ibid.* p.28)

Assim. O fazer dos diários se desloca do inquerito, ou o transforma, reposiciona. A cartógrafa passa à arquivista, que vai pacientemente fazendo seus registros, circulando pelos diversos níveis do hospital, retratando também, a si mesma e aos outros: médicos, funcionários, pacientes. Precisamente da enunciação interdita proliferam as falas, múltiplas, multidirecionais, afiadas, sem constrangimento. Escrita em diários, mas que compõe sua própria temporalidade, ou busca compô-la, na luta contra a asfixiante temporalidade do hospício, tempo enclausurado, ensimesmado. Contra esse tempo Maura posiciona uma máquina de falar, de escrever, de registrar, arte de desfazer e refazer as coisas, de recortá-las e inseri-las em outro plano, colcha de retalhos que é o tempo do hospício, colcha de retalhos que é o diário (“Cada momento existe independentemente, tal colcha formada de retalhos diferentes: os quadradinhos sofrem alteração, se observados isolados. Entretanto, formam um todo.” (*Ibid.* p.32)). Assim se dá a formação de um regime de falas, escritas e registros efetuadas num plano de desautoridade absoluta, de enunciação enclausurada, de enunciados rebatidos e investidos pelo discurso psiquiátrico: privilégio enunciativo do doutor x ou y (doutor A. ou doutor J.), privilégio da violência das enfermeiras. Desautoridade e ao mesmo tempo motor da escrita, veículo de todas as descrições, do desejo de escrever, de registrar, de fazer se prolongar uma voz que se dá por baixo de tudo e é por todos os lados combatida, desmentida, desautorizada até mesmo por enunciações fantasmáticas, virtualidades do próprio texto, e que ainda assim insiste em falar

de tudo, mesmo que seja “fácil desmentir uma psicopata” (*Ibid.* p.48)

16-11-1959

[...] A tarde de prolonga como a alcançar em dor o infinito. A tarde se estende sem vibração para nada. Mulheres iguais - guardas - monotonia - cotidiano - dor: HOSPÍCIO. (Voltei, meu deus. Voltei). A desconfiança predomina. Doentes não se fiam nas guardas, nem estas naquelas. E não acredito sequer em mim mesma. Não vou além dos muros que nos encerram. Sou incapaz de tentar querer me salvar - ou me perder de todo. Não creio em nada. Se acreditasse em mim. Mesmo: se acreditasse e, mim. (Talvez seja tudo mentira.)

Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui; Só quem passa anonimamente por esse lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios; Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo.

Sou um número a mais. Um prefixo humilde no peito do uniforme. Quando falo, minha voz se perde na uniformidade que nos confunde. Ainda assim falo. Falo a dona Dalmatie, ao médico, às internadas como eu. Falo comigo. E falo a ---- que não existe para mim. A inutilidade do meu falar constante; Cerca-me o Nada. O Nada é um rio parado de olhar perdido. Nada creio, mas se cresse seria bonito. Não creio, e tenho o Nada - e o Hospício. (*Ibid.* p. 55-56)

O próprio diário não tem destino certo, e assim é multivalente (“sou multivalente, não me reconheço de uma página para outra” *Ibid.* p.122), não repete sempre um mesmo procedimento, não tem sempre um mesmo objeto nem um objetivo definido (“Não sei se rasgarei estas páginas, se as darei ao médico, se as guardarei para serem lidas mais tarde. [...] Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio” (*Ibid.* p.31-32)). Às vezes se inscreve nessa inutilidade da fala, às vezes é grande arma de denúncia, às vezes é pura extensão de um fazer escritural. Mas conserva sempre um nível de registro, arquivo. Não por uma pretensão documental, de transparência em relação ao 'real', mas pelo procedimento colecionador, que vai recolhendo séries de elementos, os examinando, separando e aproximando, às vezes quebrando um mesmo elemento em dois, às vezes juntando mais de um, fazendo aparecer um terceiro lado. O diário de Maura vai diferindo de si mesmo, e se faz assim. Às vezes é um pouco como o que ela faz com a análise e com o analista, os desvios,

reversões, ironias e jogos que impõe. É que a análise entra como protagonista no jogo de clausura das enunciações, o que faz com que Maura mantenha com ela (e especialmente com o analista) relação ambígua. Às vezes se convence com bastante ímpeto que não amava seu marido, mas seu sogro, e que este, no entanto, não foi mais que um substituto do pai, como sugere doutor A. Às vezes se irrita com os jogos de espelho da psicanálise, com seus procedimentos mágicos de transmutação:

Qualquer reação, se estamos diante de um analista (ou com pretensões a), é sintomática, reveladora de conflitos íntimos, ponto de partida para as mais variadas interpretações; Em se tratando de simbologia, somos traídos a cada instante (ignoro se sobra algum prazer na vida para estes interpretativos analistas). Jamais expressamos a verdade – que passa por caminhos sinuosos, apenas conhecidos do “monstro” à nossa frente, o analista, único que não se deixa enganar. Em relação ao sexo a coisa é um desastre: lápis, caneta, dedo, nariz, são símbolos fálicos. É irritante: tenho o inocente hábito de estar sempre com um dedo ou lápis na boca. Não compreendo como um simples lápis ----- . Mas o tal de analista compreende. (*Ibid.* p. 38)

Nesse caso, trata-se de introduzir inversões, provocar a redistribuição das posições enunciativas, situar a análise como campo de batalha:

Diante das denúncias que nos são feitas procuramos burlar o médico, confundi-lo, anarquizá-lo. Assim passamos a analisá-lo, colocando-nos em guarda (dizem chamar-se isso Resistência). Eu me vejo em ação: busco sem piedade os pontos vulneráveis do homem à minha frente. (*Ibid.* p.38)

Mas mesmo a guerra é recheada de ambiguidades, se avizinha também ao amor que Maura acaba por confessar a doutor A. Jogo intrincado, cheio de deslocamentos de ambos os lados. A análise de doutor A. procura absorver tudo, posiciona uma máquina de ressignificação autoreferenciada, rebate todos os enunciados sobre seu corpo e devolve para cada termo o seu substituto. Traça de saída uma espécie de toca ou buraco, estabelece um lado de dentro e um lado de fora, nos quais inscreve seus procedimentos de codificação, cria meios de passagem que vão da superfície à profundidade, problema de significação, pois cada significante disposto na superfície não é mais que duplo

de um outro, profundo, ocultado, de modo que a significação precisa sempre ser rebatida, sobrecodificada, remetida à profundidade dos significantes ocultos. Assim, a guerra, as inversões e reversões da situação analítica, aparecem como resistência, e o objeto amado é mais uma vez substituto do pai e, além do mais, algo já esperado.

– Você se porta como uma criança. Na realidade, o que existe em você não é amor. A propósito, qual o homem a quem você primeiro amou?
Resposta: O HOMEM.

Olhei-o espantada e disse um nome. Depois, como se ele me ditasse a resposta certa, ainda que quase o interrogando:

– Papai?

– Seu pai. Você só ama ainda a seu pai, buscando-o em todos os homens, principalmente se a protegem e você os admira. Foi o que aconteceu com R. (*Ibid.* p.98)

Na relação psicanalítica as ambiguidade e os dualismos se multiplicam: guerra e amor; criança e adulta; culpa e castigo. Assim como os duplos, quase todos referidos ao pai: doutor A.-pai, sogro-pai, doutor Paim-pai. Mas a ambiguidade não se reduz ao posicionamento de aceitar ou recusar as interpretações do analista. Maura não inscreve a relação analítica sempre em um mesmo plano, tampouco no plano em que doutor A. a inscreve. É um burlar sempre presente, mas que não significa sabotar a análise, mas apropriar-se dela, tomar um elemento qualquer e transpô-lo para outro lugar, refazendo seus lados, lhe impondo outras significações. Por exemplo, a criança. Doutor A. introduz a criança por de trás de certas atitudes de Maura, a toma como objeto de um trabalho progressivo e central: “– Precisamos tratar esta menina com carinho. Vamos fazê-la crescer. É nela que está sua verdadeira personalidade” (*Ibid.* p.132). Criança que perpetua a imaturidade de Maura, que está por trás dos incessantes reposicionamentos do pai na vida amorosa, que a impede de se responsabilizar por seus atos, tudo isso sublinhado por doutor A. Mas Maura pode situar a criança em outra parte, pois é precisamente desse tornar-se criança que emergem todos os deslocamentos, todas as renovações, as passagens a outros horizontes, a outras escritas, outras falas, num constante diferir de si mesma:

Tenho impressão que me renovo a cada instante – só nas crianças admiro tal poder de renovação. Ah, mas só sou bem aceita quando fala a criança que existe em mim. Esta força difusa que desconheço e me sustenta em vida, se forma em instantes, que para a menina representa milagres. Deixa-me perplexa como se visse tudo pela primeira vez. (p.38)

Assim, todos os procedimentos identitários acabam por fracassar, por se mostrarem insuficientes, se desgastarem, o que acaba por aprofundar a existência de Maura no hospício, dificultar sua saída, pois não pode romper com a “parede de vidro” que a separa das pessoas. Por toda parte, processos neurotizantes de subjetivação, 'você precisa descobrir sua identidade, precisa espremer a experiência nos limites de um sentido, precisa amadurecer, etc.'. Processo de autorreconhecimento, de identificação consigo, mas Maura opera pela proliferação da diferença, diferença de si a si, que pode ser notada desde o início, com o inquérito-cartografia. Os processos não se encerram em uma figura clara, límpida, em um rosto ou uma personalidade, mas se desdobram indefinidamente, tendem ao infinito, ou mesmo à eternidade com que caracteriza a loucura. Assim também a escrita do diário, com suas passagens incessantes a outros modos de se fazer, de se descrever e de descrever os outros:

Que emoções escandalosas tenho dentro de mim: é que às vezes tudo ameaça precipitar-se, minto para mim mesma, não sei para onde dirigir estas emoções. Minha consciência da inutilidade mata-me. Esta incapacidade de sofrer torna-me árida, vazia - invento a cada instante, invento-me a cada instante. [...] (amanhã deverei escrever inteiramente diferente, e se me leio não posso reconhecer-me de uma página para outra) (Ibid. p.114)

Diferença de si a si, processo esquizo de subjetivação que é ao mesmo tempo assubjetivo (não se detém na figura do sujeito), que se estende por toda parte, se intensifica ou então se demora em alguma parte, mas não cessa, transborda os mecanismos de identificação, desrostifica e por isso mesmo se põe em dificuldade, é investido com hostilidade, produzido como fracasso:

Não me agrada estar comprometida com alguém, constantemente, ou com alguma coisa. Faço literatura se desejo, não possuo disciplina, ignoro esquema de trabalho, abomino que me imponham deveres para com as coisas que me agradam. Venho sozinha para o hospício; se me

obrigassem, lutaria com todas as minhas forças para não vir. Naturalmente, faz parte da minha esquizofrenia essa maneira de ser. E a maneira de ser deles deve fazer parte da sua mediocridade. Percebo certa imoralidade na luta que caracteriza as pessoas para conseguirem um lugar no mundo. Que falta total de pudor - como se esforçam. Ainda têm coragem de dizer que nesta luta está o valor. Quanto a mim, sou demais orgulhosa para lutar. Tudo me vem por acidente. Aceito as coisas imediatas e geralmente consideradas simples. Apenas consideradas, pois eruditos então me parecem de uma simplicidade triste. (*Ibid.* p.136)

Maura por várias vezes se questiona sobre o tratamento, diz ter medo de que a análise seja bem sucedida e então não consiga mais escrever. Acha-se nessa situação penosa, em que ou se neurotiza para romper com a “parede de vidro”, assume o rosto e todos os deveres do “lugar no mundo”, ou é atacada por todas as forças que a produzem como internada. É que os processos esquizo estão sempre se movendo sobre um limite frágil, correndo todos os riscos, a todo tempo prontos a serem capturados por alguma força neurotizante, que os produza como doença, fracasso e os imobilizem:

O processo esquizo, a irrupção da subjetividade esquizo (Pelbart), não é um privilégio daqueles que são diagnosticados como esquizofrênicos. É através desses processos de despersonalização, onde o eu dá lugar a um ele informe, anônimo, sem rosto, e se é levado a experimentar acontecimentos fortes demais (mas frágeis, que podem falhar, desabar, a qualquer momento), que qualquer um pode encontrar (inventar) sua língua menor, seu jeito único de sair da lira... (LIMA, 2005 p.27)

Por isso é preciso desconfiar do carinho do psicanalista para com a criança (“Doutor A., coitado, é um idiota. Coitado, coitado, coitado.” (CANÇADO, 1979 p.157)). A análise como guerra não é uma metáfora, não é, tampouco, fruto de uma imaginação paranoica, mas o posicionamento do choque entre os processos esquizo e os mecanismos neurotizantes, por isso é preciso burlar, contra atacar, desinvestir, etc.:

Seria trágico se doutor A. exercesse algum poder sobre meu modo de ser. Fora ele outro, também me negaria a render-me, buscando qualquer defesa para destruir o poder sugestivo que me passasse a ameaçar. Outro médico não seria susceptível de transformar-me mais do que este, acredito. E permaneço virgem, virgem. (*Ibid.* p.134)

O diário mesmo não deixa de seguir em frente, de se levantar depois das mais duras investidas, de encontrar ainda mais um tom de voz, mas um desenvolvimento, algum outro objeto. Seria preciso insistir muito nas belas descrições que faz de Dona Auda, de Dona Marina, e de tantas outras internadas. Onde os outros encontram os fracassos mais dilacerantes ela encontra ainda uma outra esperança, uma outra linha, um traço que a leva a outra parte (“Escrevo sempre, isto me parece um ato de fé, de esperança” *Ibid.* p.138). Já se sabe do final triste da autora, *Hospício é Deus* mesmo conta com um pequeno artigo no final sobre isso (como que cumprindo a exigência de um final definitivo, de uma última clausura). É que são máquinas muito potentes essas da impotência. Mas talvez, até mesmo nos piores finais ainda possa restar um traço qualquer, um movimento em direção a uma outra diferença, uma outra escrita, um outro trajeto.

Estou brincando a muito tempo de inventar, e sou mais a bela invenção que conheço. Antes me parecia haver um depois. Agora não me parece haver além de agora. Há muito tempo o tempo parou. - Onde? Sou o marco do esquecimento. (*Ibid.* p.137)

Bibliografia

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARTHES, R. *Crítica y verdad*. Siglo XXI, 1994
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Editora UFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica. Usos e abusos da história oral*, v. 4, p. 183-191, 1996.
- CANÇADO, M. *Hospício é Deus*. Record, 1979
- CANÇADO, M. *O sofredor do ver*. José Alvaro, 1968.
- DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Forense universitária, 2002
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Ediciones Era, 1978
- DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. *O anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004
- DELEUZE, G. *Francis Bacon - lógica da sensação*. Rio de Janeiro: J. 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs-vol. 3*. Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs-vol. 5*. Editora 34, 2000b
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos (1977)*. São Paulo: Editora ESCUTA, 1998.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011
- FIJMAN, J. *Poesía completa*. Vol. 20. Ediciones del Dock, 2005
- FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- FOUCAULT, M. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, 1974
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes, 2011
- GONÇALVES, M; MARQUES, R; CARDOSO, V. *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008
- LIMA, Marcos Eduardo Rocha. *Tres esquizos literários*. 2005.
- PANERO, L.M. *Poesa completa, 1970-2000*. Visor Libros, 2001
- PELBART, P. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. São Paulo: Brasiliense, 1989
- PELBART, P. *A nau do tempo-rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura*. Imago, 1993
- SCHREBER, D. *Memórias de um doente dos nervos*. Paz e Terra, 1995